

De neblina e de concreto: um estudo sobre a construção de realidades n'A emparedada da Rua Nova

MIRELLA IZÍDIO

*Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e graduanda em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).
e-mail: mirellaizidio@hotmail.com*

Resumo: O folhetim divulgado no periódico recifense *Jornal Pequeno* entre 1909 e 1912, *A Emparedada da Rua Nova*, obra mais conhecida de Joaquim Maria Carneiro Vilella – escritor, jornalista e artista pernambucano nascido em 1846 – é o ponto de partida para estes estudos. O objetivo é analisar a construção de realidades produzidas pela publicação. Tenta-se estabelecer relações com as noções de realidades dos sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann no intuito de embasar o exame feito. Procura-se, nesta pesquisa, refletir os fenômenos possíveis que um texto em jornal causa numa sociedade, incorporando-se ao seu imaginário por meio de estratégias de constituição e de relações com os seus leitores. O romance retrata uma narrativa de tragédias que se encerra com o emparedamento de uma moça grávida ainda viva pelo seu próprio pai em um sobrado de alta classe da Rua Nova, originando ou reforçando uma lenda urbana existente na capital de Pernambuco.

Palavras-chave: *A Emparedada da Rua Nova*, Construção de realidades, folhetim.

Abstract: The serial publication revealed in the periodical *Jornal Pequeno* in Recife between 1909 and 1912, *A Emparedada da Rua Nova*, best known work of Joaquim Maria Carneiro Vilella - writer, journalist and artist born in Pernambuco in 1846 - is the starting point for this study. The aim is to analyze the construction of realities produced by the publication. We try to establish relations with the notions of realities by the sociologists Peter Berger and Thomas Luckmann in order to support the analysis done. The target, in this research, is to reflect the possible phenomena the text in a newspaper cause in a society, incorporating to their imaginary through constitution strategies and relationships with their readers. The novel delineates a story of tragedy that ends with the immurement of a pregnant lady still alive by her own father in a high-class two-store mansion at Rua Nova, creating or reinforcing an urban legend that exists in the capital of Pernambuco.

Keywords: *A Emparedada da Rua Nova*; construction of realities; serial publication

Introdução

Recifense nascido em 1846, Carneiro Vilella foi jornalista, cronista, folhetinista, cenógrafo, caricaturista, pintor e poeta. Autor de obra variada e vasta que ainda é pouco estudada – e até mesmo conhecida, inclusive por seus conterrâneos – produziu um clássico não só da Literatura como do imaginário da cidade do Recife: *A Emparedada da Rua Nova*.

A narrativa de uma moça morta de forma cruel pelo próprio pai num sobrado de alta classe nos idos tempos de esplendor da Rua Nova foi publicada em folhetim no *Jornal Pequeno*, envolvendo a população entre os anos de 1909 e 1912. A esta época, vale a menção, o periódico ostentava a marca de ser o mais lido da cidade, com tradição consolidada e credibilidade reconhecida. As formas de veiculação, a credibilidade de que gozava o escritor Vilella – já renomado romancista e combatente jornalista, a recorrente reafirmação - inclusive na própria narração – por parte do autor de que se trata de um relato que teve lugar na realidade e, mais do que afirmações, indicações de *provas* e referências exteriores aos escritos de Carneiro Vilella intrigaram a tal ponto que lenda urbana, literatura e realidades formam um nó difícil de desatar. Este artigo tem por pretensão realizar uma breve análise dessas questões.

Construindo paredes e realidades

“É curioso que um tema tão visitado pelo imaginário pernambucano – ao ponto de algumas pessoas afirmarem que o emparedamento contado na estória teve lugar na realidade – seja colocado à margem das questões merecedoras de atenção e estudo”. A indagação está na introdução da dissertação da pesquisadora Helena Maria Ramos de Mendonça (MENDONÇA, 2008, p. 11). O questionamento é bastante válido, visto que *A Emparedada da Rua Nova*, publicação mais conhecida de Carneiro Vilella, ainda é escassamente explorada, para não mencionar os pouquíssimos estudos de outros títulos e da obra completa do autor. Além disso, a narrativa está presente no imaginário recifense de forma que transborda esferas de análises da Literatura, Antropologia, História e Sociologia.

A temática é delicada. No estudo de realidades, há muitas variáveis, nem todas conciliáveis. Quando se propõe a pensar sobre o tema, esbarra-se em outros conceitos tão sensíveis quanto a própria ideia de realidade como verdades ou relativismos. A complexidade do tema pede que o pesquisador faça escolhas para adequar e orientar o pensamento e, inevitavelmente, assuma riscos. Então, em princípio, vamos tentar aproximação com o raciocínio dos sociólogos Peter L. Berger e Thomas Luckmann e os que seguem essa mesma linhagem de pensamento.

Estes dois autores admitem as “diferentes esferas da realidade”, uma “consciência do mundo como consistido de múltiplas realidades” (BERGER; LUCKMANN, 1999). No entanto, dispõem de uma afirmação que vai permitir a concepção de um ponto de referência para o estudo dos fenômenos sociais. É o que Berger e Luckmann classificam, dentre as múltiplas realidades, aquela que se apresenta como “a realidade por excelência”: a da vida cotidiana.

Ao propor essa concepção, os autores estabelecem – ainda que didaticamente – uma relação conceitual que possibilita a discussão entre as diferentes esferas de realidades. Nas palavras da dupla:

A realidade da vida cotidiana é admitida como sendo *a realidade*. [...] Embora possa embrenhar-me em dúvidas a respeito da sua realidade, sou obrigado a suspender estas dúvidas enquanto existo numa rotina de vida cotidiana. Esta suspensão da dúvida é tão firme que para abandonar, como poderia desejar fazer, por exemplo, na contemplação teórica ou religiosa, tenho de realizar uma transição extrema. O mundo da vida cotidiana proclama-se a si mesmo e, se quero contestar esta proclamação, tenho de realizar um esforço deliberado e nada fácil (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 35).

O raciocínio se avizinha da ideia de *atitude natural* retratada pelo filósofo alemão Edmund Husserl (HUSSERL, 2006), na qual a suspensão da dúvida é vista como uma confiança que permite uma espécie de “execução” da vida e no momento em que se empreende a suspeita com essa orientação acontece o início da atitude filosófica. Portanto, admite-se aqui neste trabalho a visão de realidades partindo da noção de realidade por excelência da vida cotidiana.

Concretudes nebulosas – análise da narrativa d’A Emparedada da Rua Nova

Sob uma ótica que se baseia nas discussões sobre a realidade, de Peter Berger e Thomas Luckmann – e autores correlatos –, nos debruçaremos sobre *A Emparedada da Rua Nova*, “livro mítico da literatura pernambucana” (VAREJÃO FILHO, 1984, p. 7). Tendo em mente a contextualização que vem sendo feita ao longo deste trabalho acerca da sociedade e do próprio autor, muito do que foi explanado forma uma parte importante para o exame a ser feito.

Recife é cidade “povoada” por assombrações, fantasmas e criaturas fantásticas. Se não bastar a antiga contação de histórias de parentes e vizinhos – sobretudo daqueles mais velhos -, vejamos o registro de Gilberto Freyre:

Nem mesmo hoje, o Recife de igrejas do tempo da Colônia e de restos de casas de ar ainda mourisco, com janelas de xadrez e telhados quase pretos de velhos por onde, em noites de lua, deslizam gatos que parecem de bruxedo, perdeu de todo o seu ambiente da era colonial, quando o feitiço, a cabala dos judeus, o medo às assombrações, o terror dos Cabeleiras, enchiam de grandes sombras o burgo inteiro. [...]

O Recife de hoje, donde a luz elétrica e o progresso mecânico não conseguiram expulsar de todo essas sombras e essa visagens, essas artes negras e essas bruxarias, ainda tem alguma coisa do antigo (FREYRE, 1987, p. 134).

É quase que natural, portanto, puxar da memória do recifense um fio que conduza a, pelo menos, um caso ocorrido por estas terras em que “almas não só de pes-

soas mas de casas inteiras parecem vagar”, no dizer de Freyre (FREYRE, 1987, p. 135). O pensador de Apipucos ainda cita o inglês Gilbert Keith Chesterton ao citar que uma lenda é obra de muitos e como tal deve ser tratada com mais respeito do que um livro de história: obra de um único homem (FREYRE, 1987, p. 33). É uma forma de reafirmar a importância de análise dos contos de uma localidade como partes constitutivas importantes de sua história e de suas realidades. Freyre explica que essa tradição da capital pernambucana está intimamente ligada ao seu passado turbulento:

O Recife tem sido ponto de confluência de todos esses transbordamentos de emoção, de exaltação, furor místico vindos do interior do Nordeste [...] recifenses até então acostumados a incursões de piratas e corsários estrangeiros, saídos do mar [...]. Outros terrores têm assombrado o recifense, uns vindos dos matos, outros surgidos do mar (FREYRE, 1897, p. 47).

A consagração de cidade mal-assombrada é tanta que vale as palavras de Freyre quando explica que

[...] não poucos terrores têm saído do Recife para assombrar matutos ingênuos, sertanejos crédulos, gentes sossegadas e tementes a Deus, do interior. Assombrações nascidas, criadas, crescidas no Recife – à sombra de seus altos sobrados, das suas maternais igrejas, dos seus quartéis, das suas pontes – têm chegado até aquelas gentes, fazendo os mais tímidos pensar a metrópole da região como um antro de mil demônios, disfarçados de cães misteriosos, em bodes sinistramente pretos, em bocas-de-ouro nauseabundas, em terríveis exus, em mães-d’água traiçoeiras que não existiriam – pensam os bons matutos – senão como coisas saídas das entranhas do Recife.

O lavrador, o senhor de pequeno engenho, o fornecedor de cana de outrora, que precisasse de deixar suas terras agrestes para fazer qualquer negócio no Recife, que se acautelasse não só contra os espertos, os trapaceiros, os maus pracionos de voz macia e de modos bonitos, os grandes carros puxados a cavalos diferentes dos de cabriolés de engenhos, como também contra os assombros. Os terríveis assombros do Recife. [...]

Este Recife que, pelos seus mistérios, existe, subsiste, persiste desde velhos dias como cidade com alguma coisa de cidade onde o mundo não é só o dos homens. Suas assombrações vêm sendo, mais que suas revoluções, parte do seu modo de ser cidade: de ser a metrópole do Nordeste canavieiro (FREYRE, 1987, p. 47-49).

E é neste universo medonho de contos recifenses que encontra-se a narrativa sobre uma moça emurada viva num sobradão da Rua Nova.

É de se imaginar que este tipo de narração, os causos de “almas penadas”, tenha por essência o mistério, a incerteza, uma perene dúvida, mas também um quê de crença na sua possível realidade – aqui entendida como a realidade por excelência, a do cotidiano, já referida. No entanto, a narração que envolve o caso da emparedada da Rua Nova parece ter uma particularidade, quase como se fosse uma espécie de pretensão de se fazer mais crível.

O elemento diferenciador seria justamente o romance do escritor Vilella. Acompanhamos Lucilo Varejão Filho e fazemos coro com Mário Melo refletindo “si (sic) a lenda que chegou aos meus dias foi ou não proveniente da divulgação por ele feita” (VAREJÃO FILHO, 1984, p. 7). É questão praticamente indissolúvel: quem nasceu primeiro, a obra do escritor ou o caso que passa de boca em boca? Se poucas pessoas se arriscam a categorizar a história, outras o fazem e com convicção.

Uma delas foi Carmélio dos Santos Vilella, neto de Carneiro Vilella. O parente do autor d’*A Emparedada* retrata, com uma certa naturalidade até, que o romance foi “baseado em fato verídico, que aconteceu no primeiro andar de um sobrado, da Rua Nova, onde existe hoje um edifício, que tem o nº 200” (VILELLA, 2005, p. 11).

Mas não houve quem tenha relatado com mais certeza, persuasão até, do que o próprio narrador d’*A Emparedada*. Ao ler o enredo que brotou da pena do romancista, a impressão geral é a de que se está diante do relato de uma pessoa que conhece a verdade e que tenta, num jogo de “mostra-esconde”, revelá-la. Para isso, o narrador não utilizou apenas a reafirmação e a reprodução de frases que dizem se tratar de caso verídico, ele foi além.

O título do primeiro capítulo prenuncia o teor do folhetim: *Quem será?* é o charmariz colocado para fisgar os leitores do vespertino no rodapé da primeira página do jornal. E a narrativa é iniciada fazendo referência direta a uma notícia de jornal que “desperta atenção geral causando sensação e provocando comentários”. A informação disseminada nas gazetas do dia 23 de fevereiro de 1864 diz respeito a um cadáver encontrado em terras do Engenho Suaçuna, em Jaboatão. O narrador escreve uma notícia publicada no *Jornal do Recife* e “também narrada, apenas com ligeira variante, pelo *Diário de Pernambuco* do mesmo dia”:

No dia 20 do corrente e dentro de umas capoeiras do engenho *Suaçuna*, distrito de Jaboatão, foi encontrado já em estado de putrefação o cadáver de um homem branco, tendo uma facada sobre o peito esquerdo.

Do corpo de delito que procedeu a autoridade policial do lugar, não consta o reconhecimento da identidade do falecido, dizendo apenas alguns informantes ser ele um alemão, que, havia poucos dias, aparecera por aqueles lugares. De um morador dali sabemos mais os seguintes pormenores: que sobre o cadáver fora encontrada uma carta, um revólver de 6 tiros, tendo apenas 3 canos carregados, um canivete de mola, um par de punhos de camisa, tendo estes últimos objetos as iniciais do falecido: que na terça-feira passada ele aparecera no povoado e comprara numa taberna uma garrafa de genebra e uma quartinha, sendo esta e aquelas achadas juntas ao seu cadáver, que estava deitado de bruços tendo já a cabeça dilacerada pelas aves de rapina.

Segundo se supõe, o infeliz fora assassinado para ser roubado, visto que não se lhe encontrou dinheiro algum, ele o tinha quando fora comprar estes últimos objetos. Sabemos que o Dr. Chefe de Polícia já ordenou a vinda do revólver, da carta, do canivete e botões, a fim de ver se pode ser reconhecida a identidade da pessoa a quem pertenceram, assim com deu terminantemente ordens ao Delegado do lugar para descobrir os autores de semelhante atentado (VILELLA, 1984, p. 20).

Provavelmente muitos dos leitores não foram consultar a correspondência da notícia nos jornais do dia. No entanto, outros poderiam lembrar deste caso. O *Diário de*

*Pernambuco*¹ retrata nas páginas da sua *Revista Diária* – coluna de notícias que trata de informações do quotidiano da cidade, uma espécie de antecessor dos cadernos urbanos – retrato muito semelhante ao que o narrador d’*A Emparedada* menciona. Vejamos:

Tendo aparecido á pairar sobre esta povoação de Jaboatão, na manhã de sabbado (20), alguns urubus, signal certo de carniça, descobrio-se ser um corpo morto que a isto dava lugar; e sendo chamada a polícia para verificar, só appareceu às 5 da tarde, assim mesmo com receios de approximar-se do cadaver que exhalava máo cheiro, enviando em seu lugar um preto que declarou ser o cadaver de um homem branco, vestido decentemente, e tendo ao pé de si um canivete de mola com as armas prussianas e um revolver de 9 tiros. Rasgada a roupa, verificou-se ter elle uma grande facada do lado direito junto à ultima costella, que devia ter produzido a morte.

Segundo informações de pessoas d’aqui do lugar, consta ter o homem comprado alguns dias antes uma garrafa de aguardente, e procurado saber o lugar do banho, que lhe foi ensinado, desaparecendo ao depois.

O que há de mais revoltante em tudo isso é que a polícia fez enterrar o cadaver no mesmo lugar em que foi encontrado, sem proceder à todos os exames precisos.

Chamamos, portanto, a atenção do Sr. Dr. Chefe de polícia para a syndicancia desse facto, visto não dever ficar impune um crime nesta ordem, lançando-se sobre elle o véu do olvido, como indica a informação acima (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1864).

Portanto romance e notícia do jornal apontam para o mesmo homem, o mesmo local, o mesmo crime. Curioso perceber que a notícia é do ano de 1864 e o romance só teria sido finalizado no ano de 1886 – quando não em 1909, se considera-se que a primeira aparição foi no folhetim do *Jornal Pequeno*. Helena Mendonça observa que Vilella teria levado mais de 20 anos para elaborar este enredo:

Talvez aquele jovem de dezoito anos (Carneiro Vilella nasceu em 1846) tenha ficado intrigado com aquela notícia cercada de mistério e ao imaginar a identidade daquele homem; que tipo de vida teria ele levado; que pessoas amou ou odiou, descobriu-se autor de ficção (MENDONÇA, 2008, p. 51).

Ou é o que ele mesmo tenta fazer acreditar, aquele jovem de dezoito anos algum tempo depois viu a possibilidade de escrever uma história que denunciase um crime ocorrido tempos atrás. E o romance prossegue, narrando referências compatíveis com o calendário vigente, informando as notícias publicadas nos periódicos com detalhes de data, dias da semana inclusive.

¹ A consulta foi feita ao *Diario de Pernambuco* já que também é citado por Carneiro Vilella. O *Jornal do Recife* do ano de 1864 não se encontra à disposição no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje) nem no setor de microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj).

Interessante perceber que a narrativa começa pelo seu clímax, ou seja, além das referências diretas aos jornais do dia, o modelo de narração segue a estrutura básica das informações de jornais em detrimento da tradicional colocação narrativa da ficção em que a tensão é costumeiramente mínima no início e vai aumentando com a configuração do conflito (GONZAGA MOTTA, 2010). Ou seja, o narrador do romance sugere um mecanismo de leitura de quem já conhece o ponto culminante, mas está interessado em saber o *como*, a explicação dos acontecimentos, quase pedindo para que esse leitor busque também pela sua memória as recordações acerca do episódio retratado.

Após a primeira notícia sobre o cadáver de *Suaçuna*, o narrador mostra que a repercussão continuou. A próxima publicação que o narrador relata fala da versão do suicídio forjada no romance e que acabou se tornando oficial. Segundo a obra de Vilella, a notícia do *Jornal do Recife* do sábado, 27 de fevereiro do mesmo ano, dizia que

não resta, pois, dúvida de que foi um suicídio e não um assassinato e quanto à identidade da pessoa, também não resta a menor dúvida de ser ele o estrangeiro a que acima nos referimos. [...]

No vapor inglês *Magdalena* chegara ele a esta província procedente do Rio de Janeiro, sob o nome de Oscar Luiz Roschklave, dizendo-se americano confederado e oficial do vapor *Alabama* [...].

Havendo-se hospedado no hotel d'Europa, desapareceu dali na manhã do dia 15 deste mês [...] (VILELLA, 1984, p. 22).

O romancista ainda insere mais uma notícia do *Jornal do Recife*, de 19 de abril do mesmo ano, na qual são esclarecidos mais detalhes acerca do “infeliz moço” que se suicidara. Comparando os dados mostrados n’*A Emparedada*, pode-se continuar a fazer uma sólida ponte com os arquivos do *Diário de Pernambuco*. No dia seguinte à publicação da primeira notícia sobre o cadáver, a mesma *Revista Diária*, em meio a outros crimes “comuns” e uma onda de notícias de recém-nascidos e crianças encontrados mortos em vias públicas e defronte a igrejas da província, diz:

Tendo vindo, em um dos últimos vapores do sul, um individuo, que se dizia official do vapor *Alabama*, e agente consular dos confederados dos Estados-Unidos, encarregado da compra de carvão, apelidando-se de Roch Black, foi residir no hotel da Europa, onde se demorou até princípios da semana passada, quando desapareceu deixando fechado em seu quarto no hotel suas malas e objectos, e levando apenas algum dinheiro, um revolver de 6 tiros e um canivete de móla.

Coincidindo tudo isto com o quanto noticiamos hontem sobre o cadaver encontrado em mattas do engenho *Suassuna*, em Jaboatão, crê-se ser esse o assassinado, e não suicidado como se tem espalhado, porquanto a querer elle suicidar-se recorreria antes ao revolver do que á uma faca de ponta, instrumento que não foi encontrado, além de que o ferimento que produzio a morte achava-se occulto pela roupa, não cortada pelo golpe, como que para encobrir o motivo da morte (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1864, p. 1).

O centenário periódico insere, portanto, um elemento de dúvida de que o caso se trate de um crime contra a própria vida. Ao instigar a repercussão sobre o caso, o jornal recebe uma resposta rápida, uma longa carta assinada em Jaboatão e sem identificação. É importante a leitura na íntegra:

Srs. redactores da *Revista Diaria*. – Acamos de lêr o communicado, que o seu estimável jornal de hoje publica acerca do apparecimento de um cadaver em terras do engenho Suassuna, desta freguezia, e é para restabelecer a verdade do facto, talvez por má informação adulterado nesse communicado, e arredar a immerecida censura que elle faz pesar sobre as autoridades policiaes, que nós testemunha presencial do occorrido, escrevemos as presentes linhas.

Observando Diniz Ferreira da Cruz, morador a margem do Jaboatão, em terras de Suassuna, no dia 20 do corrente que alguns urubus pairavam no aceiro da matta, que fica por detraz de sua casa, e não sabendo que houvesse algum animal recentemente morto nessas proximidades, mandou examinar por um seu escravo, o qual voltou dizendo está um corpo morto na matta em um corrego.

Isto mesmo communicou dito Diniz ao inspector da povoação, que immediatamente se dirigio ao lugar com alguns soldados do destacamento e reconheceu o cadaver de um homem branco, vestido de paletot de panno preto, calça de sasemira escura, collete branco, borguezins etc. tendo junto a si um revolver de 6 tiros e uma quartinha de barro branco.

Eram 3 horas pouco mais ou menos.

Immediatamente communicou o inspector ao Sr. subdelegado supplente em exercicio, Jovino Coelho da Silva, o qual demorando-se apenas o tempo necessário para vir do seu engenho Palmeira, distante uma légua desta povoação, ahi se apresentou e acompanhando dos peritos nomeados *ad hoc* para essa vestoria, do inspector, do sargento comandante do destacamento, soldados e um grande numero de pessoas importantes se dirigio ao lugar em que jazia o morto, e ahi encarregando aos peritos de examinar o cadaver afim de conhecer a origem da morte, estes procederam a todos os exames e acharam uma facada no lado esquerdo à baixo do peito e um buraco do alto da cabeça, e mais nenhum vestígio de ferimentos ou contusões, não se podendo reconhecer a identidade da pessoa por estar o rosto completamente desfigurado e descomposto.

De tudo isto lavrou-se o competente termo e o subdelegado arrecadando os objectos que encontrou e julgou necessarios para descobrimento da verdade mandou sepultar o corpo communicando o occorrido ao Sr. Dr. chefe de policia.

O que há pois de revoltante em tudo isto, e para onde queria o communicante que se conduzisse o cadaver de um homem cuja religião se ignora e já em putrefação?

Hoje pelas pesquisas e indagações tem-se chegado a crer ser o morto, um estrangeiro que comprou em uma taberna uma quartinha e uma botija de genebra, cujo casco se achou e que procurava o rio. Tem-se mesmo presumido pelos trajas que esse estrangeiro parece ser o Oscar Roch Bleuf, conhecido por *Alabama*, o qual aqui esteve no dia da festa de Santo Amaro.

Finalmente hoje o Sr. delegado supplente em exercicio Antonio Francisco Paes de Mello Barreto de combinação com o mesmo subdelegado exhumaram o cadaver e tiraram a roupa afim de ver se chegam ao conhecimento do individuo morto, e do assassino, caso haja.

Ambos não cessam em diligencias para melhor conhecimento do facto.

Eis-ahi a verdade do facto.

Não está nos hábitos das autoridades desta localidade deixarem crimes por amor de seus commodos ou olvido de seus deveres, mas também não costumam proceder precipitadamente, só com o desejo de fazer ostentação de seu poder; e assim procedendo desprezem os maldizentes e injustos censores, que o publico sensato agradecido lhes fará justiça.

Jaboatão, 23 de fevereiro de 1864 (*Diario de Pernambuco*, 1864, p. 1).

Verifica-se, portanto, que a missiva tenta dizer *a verdade*, explicar o acontecido, controlando um tom enraivecido pelas críticas que as autoridades sofreram pelos redatores da *Revista Diária* no dia anterior. Não seria difícil imaginar que esta testemunha presencial fosse, inclusive, uma das autoridades que se ofenderam pelas palavras do periódico ou até mesmo alguém que tenha relação direta com os ofendidos. Encerrando as suítes (desdobramento do caso em matérias sequenciais – no jargão das redações de jornais), o *Diario de Pernambuco* do dia 26 de fevereiro de 1864 publica breve nota:

Das averiguações que pela policia se procederam no cadaver encontrado em terras de Suassuna, suppõe-se que effectivamente houve suicídio; pois a aperção que o mesmo tinha sob o queixo, corresponde a da parte superior da cabeça.

Verificou-se ser o mesmo estrangeiro que estivera albergado em casa do Sr. Puech, visto terem sido reconhecidos diferentes dos objectos achados junto ao corpo, principalmente o revolver, semelhante ao qual ha um possuído por pessoa desta cidade, que o reconheceu como pertencente ao referido estrangeiro desaparecido (*Diario de Pernambuco*, 1864, p. 1).

As rápidas palavras da *Revista Diária* põem termo com um teor de resignação e retratação até, vista a carta recebida pelos seus jornalistas e publicada na coluna tomando um longo espaço. “E nada mais disseram os jornais a respeito daquele cadáver que os corvos denunciaram, com o seu esvoaçar concêntrico e agoureiro”, constata o narrador d’*A Emparedada* (VILELA, 1984, p. 29). Pelo que os arquivos indicam, a probabilidade de este narrador estar certo em sua conclusão é muito grande².

Observando os primeiros lances do enredo d’*A Emparedada da Rua Nova* comparados às notícias a que são referidas, pode-se verificar o alto grau de correspondência da ficção com a não-ficção. Os detalhes que o narrador insere são muito ricos e isso reforça a ideia do acontecimento no âmbito da realidade da vida quotidiana. Por exemplo, no dia 12 de janeiro de 1864 o *Diario de Pernambuco* já registrava a passagem do navio inglês *Magdalena* no Recife - o vapor que teria trazido o *Polaco* para a província pernambucana. Isto pode ser identificado como mais um elemento que reforça a ideia de que a narração está tratando de acontecimentos que tiveram espaço na realidade quotidiana. O pesquisador de Jornalismo Luiz Gonzaga Motta menciona as estratégias utilizadas para a construção da credibilidade:

² Pesquisa feita no *Diario de Pernambuco* revela que os três primeiros meses seguintes às notícias publicadas em fevereiro de 1864 não mostram mais nenhuma referência ao caso do corpo encontrado no Engenho Suaçuna.

A identificação sistemática de lugares (onde) e de personagens (quem) também cumpre uma função argumentativa: localiza, situa, transmite a ideia de precisão, causa a impressão de que o narrador fala de coisas verídicas, realisticamente situadas. O uso de nomes próprios de lugares (Rio de Janeiro, Brasília, Nova York, Iraque, etc.) ou de instituições (Ministério da Fazenda, STF, Polícia Federal, etc.) identifica de imediato por se referirem a instituições reconhecidas. Tudo revela certo uso da linguagem e certa intenção do narrador (GONZAGA MOTTA, 2010, p. 158).

E a intenção do narrador d' *A Emparedada* é contar um verídico episódio da sociedade recifense, como tantas vezes ele reforça no seu texto. Este narrador, inclusive, justifica como acabou sabendo da versão verdadeira das ocorrências que envolveram a família Favais em 1864: o moleque e a mucama, escravos domésticos do sobrado da Rua Nova, teriam sido mandados à venda por Jaime ao sul do país.

Com efeito, assim se fez e desta forma descartou-se o negociante de duas testemunhas que, se ficassem na cidade ou mesmo na província, poderiam se tornar perigosas. Esta escrava conseguiu libertar-se, depois de algum tempo, e no ano de 1884 foi, na Corte, criada do autor dessas linhas. É às suas informações que se deve o conhecimento exato de parte das cenas íntimas e violentas da família Favais.

Apenas os dois míseros escravos haviam partido para a casa do corretor, que seja dito de passagem, tinha o seu viveiro hediondo num terceiro andar da rua do Imperador, Jaime dirigiu-se ao quarto de sua filha [...] (VILELA, 1984, p. 542).

E continua sua narrativa repleta de detalhes, indicações de datas e lugares.

Por essas peculiaridades, atribuídas em grande parte à obra de Carneiro Vilella, o caso de uma moça emurada viva pelo pai teria ganhado posição especial no imaginário recifense de contos "assombrados". Além do crime da moça, haveria um crime real, com publicações nos jornais, portanto muito mais provável por ter um registro material irrefutável de sua existência.

Ainda muitos outros fatores teriam contribuído para uma admissão facilitada de que a lenda esconde uma história verdadeira por trás da narrativa fantástica pernambucana. O emparedamento, por exemplo, não seria uma ação de todo inusitada, ao contrário, era maneira de execução utilizada há séculos:

Tal artifício foi uma técnica de tortura largamente empregada pelos romanos e germânicos: "Os romanos encerravam numa galeria subterrânea as vestais que violassem o juramento de castidade; os germânicos primitivos enterravam vivos os invertidos sexuais e os condenados de baixa condição social. A prática, com fins propiciatórios se estenderia à Idade Média: ao construir um castelo, ordenava senhor feudal o emparedamento de uma criança com vida para que os muros se tornassem bastante sólidos (ANTUNES, 2008, p. 91).

E Gilberto Freyre também menciona que muita assombração recifense estaria relacionada a *coisas* enterradas ou escondidas em paredes dos sobrados (FREYRE, 1987).

Mais um atrativo em relação ao caso diz respeito aos próprios personagens que são retratados. É possível perceber que boa parte do mistério envolvendo o corpo apreendido nas terras de *Suaçuna* diz respeito às características encontradas, por ser homem branco, bem vestido. Assim o interesse por crimes envolvendo brancos e pessoas de alta classe são peculiares. Lucilo Varejão Filho comenta que “parece ter sido bastante rica em crimes de toda espécie a história do Velho Recife. Mas eram via de regra dramas de ‘Bas-Fond’” (VAREJÃO FILHO, 1984, p. 7). Ou seja, crimes da “ralé”, das zonas licenciosas da cidade. Aqui, não, a atmosfera criminoso tem cheiro e sabor de sobrado de luxo, de casas de veraneio, de camarotes no Teatro de Santa Isabel, de vestidos e sobrecasacas de baile.

A veiculação em folhetim também estimula o imaginário de forma especial. Longe de fazer uma análise psicocognitiva – não é a intenção nem há competência para se tratar do assunto por esse viés -, porém situando-se na impressão que causou, pode-se inferir que muitas das pessoas que acompanharam a trama estavam tendo contato com *A Emparedada da Rua Nova* pela primeira vez no *Jornal Pequeno* – em que até hoje é colocado como referência no surgimento da obra de Vilella – e, portanto, tinham seu ritmo de leitura determinado pelos trechos disponíveis no jornal. Os recortes, somados à maestria de atração que exercem as páginas de Carneiro Vilella, prendiam a ansiedade dos leitores, que viam uma história que se autoafirmava real imbricada com notícias incontestavelmente reais no cotidiano desses leitores. Peter Berger e Thomas Luckmann afirmam que “objectos diferentes apresentam-se à consciência como constituintes de diferentes esferas da realidade” (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 33-34), ou seja, a consciência se desloca pelas esferas de realidade e nesse deslocamento admite uma espécie de choque nos seus pontos de transição. Um exemplo disso seria o sonho, no qual a realidade do sonho é diferente da realidade encontrada ao acordar do sonho. Outra exemplificação dada pela dupla de sociólogos é o teatro em que “a transição entre as realidades é marcada pelo levantar e pelo cair do pano.” A ilustração diz que

à medida que o pano se levanta, o espectador é “transportado para um outro mundo”, com os seus significados próprios e uma ordem que pode ter, ou não, muito a ver com a ordem da vida quotidiana. Quando o pano desce, o espectador “regressa à realidade”, isto é, realidade predominante da vida quotidiana, em comparação com a qual a realidade apresentada no palco aparece agora ténue e efémera, por mais vívida que tenha sido a representação minutos antes. A experiência estética e religiosa é rica em produzir transições dessa espécie, na medida em que arte e religião são produtores endêmicos de áreas delimitadas de significação (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 37-38).

Estendendo a análise de Berger e Luckmann do teatro até o folhetim, pode-se deduzir que os leitores que se propunham a voltar seus olhares para o rodapé do jornal assumem estar entrando num campo que foge ao carácter factual e verossímil de todo o material de notícias, reportagens, artigos, notas e publicações oficiais que compõem o informativo. O local do folhetim dá uma instrução de leitura, uma senha convencional para todos os leitores. Era a ribalta invisível do jornal.

Entretanto, essa “área delimitada de significação” no folhetim de Carneiro Vi-

llega parece ter ficado “frouxa” e o nó ter sido desatado por ele mesmo, jornalista a esta época já creditado, reconhecido, até muito consagrado – e polêmico - nas folhas dos periódicos, sobretudo os recifenses. Ao ler a obra somos levados a percorrer os caminhos de Recife (mesmo tempos depois em que alguns lugares estão bastante diferentes da descrição do narrador d’*A Emparedada* devido às reformas urbanas) porque é tudo muito próximo, muito visível, quase tátil. Não é custoso para quem ler se apropriar da narrativa, fazer o que lhe está sendo pedido. E o que esta narrativa lhe pede é que acredite nesta versão, acredite na sua verdade. Lembremos que o *Jornal Pequeno* justamente nesta época sustentava a posição do periódico mais lido da cidade, com tiragem de 6.000 exemplares.

Curioso é que outros autores já tinham utilizado o recurso de imputar realidades a obras em princípio ficcionais. Destaque para o mestre folhetinesco Alexandre Dumas, que para justificar seu atraso em entregar capítulos do célebre clássico *O Conde de Monte Cristo* enviou a seguinte carta para o *Journal des Débats* – periódico francês publicador do romance:

Ao redator:

Monsieur, meu atraso em entregar a última parte de *Monte Cristo* necessita uma explicação menos para o senhor do que para os leitores do *Journal des Débats* que tiveram a benevolência de aceitar com agrado o começo de meu trabalho.

Monte Cristo não é um romance, mas uma história cuja fonte encontrei nos arquivos da polícia. Ora, foram necessárias muitas pesquisas para agora acompanhar as andanças do nosso herói em Paris.

E como muita gente vive ainda que poderia ficar comprometida se o desenlace desse terrível drama fosse exposto à grande luz da justiça em vez de permanecer no escuro do mistério, eu preciso receber dessa pessoas a devida autorização para falar delas abertamente, ou então ter redobrado trabalho para poder devidamente travesti-las de modo a evitar a curiosidade pública sobre suas pessoas.

Eis a causa, a única causa de meu atraso, monsieur; ela reside inteiramente no desejo de dar ao *Journal de Débats* uma obra digna de sua reputação literária, digna enfim das obras que precederam a minha e das que se lhe seguirão.

Pedindo desculpas,

Alexandre Dumas, 18 de dezembro de 1844 (MEYER, 1996, p. 62).

Mas Marlyse Meyer denuncia que o motivo do atraso era outro, já era a desenfreada “indústria de folhetins” que fazia com que Dumas fabricasse inúmeros de uma só vez. O autor

[...] estava trabalhando ao mesmo tempo na redação da *Dama de Monsoreau* para o *Constitutionnel*, continuava o *Chevalier de maison-rouge*, começava *Les quarante-cinq* e cobrava a seu *nègre* Maquet, um de seus redatores auxiliares, que se apressasse em fornecer “mais trinta ou quarenta páginas de *Chicot*”. “E, para amanhã, um capítulo de *Maison-rouge*, e depois, se depois de amanhã puder vir almoçar comigo e levar quinhentos francos, poderíamos fazer algum *Monte Cristo*. Mas continue *Chicot*, não tenho mais nada.

Vamos largar o *Monte Cristo* por enquanto, que estava indo tão bem!" (MEYER, 1996, p. 62).

Mas também no Brasil outro romancista lançou mão da estratégia de envolver jornais e romances. Foi o jovem Aluísio Azevedo, em 1880, em São Luís do Maranhão. Pouco antes do lançamento do livro *O Mulato*, o periódico *O Pensador* publicou nota informando a chegada à província do "Dr. Raimundo José da Silva, distinto advogado que partilha de nossas idéias e propõe-se a bater os abusos da Igreja. Consta-nos que há certo mistério na vida deste cavalheiro" (FARACO, 2000, p. 8). Certamente, a "campanha" contribuiu para a marca de dois mil exemplares vendidos em pouco tempo da primeira edição do romance (FARACO, 2000, p. 8).

No entanto, não consta no conhecimento geral que os exemplos citados tenham suscitado fenômeno semelhante - com a supressão dos choques na transição de realidades - ocorrido com *A Emparedada da Rua Nova*. Ademais, a "ponte" com a realidade da vida quotidiana construída por Dumas e Azevedo é destacadamente externa ao romance, ao contrário do narrador d'*A Emparedada*, que insere na trama a insistência de uma verdade relatada. Ou ainda pode ser que essa insistência deste narrador não passe de mais um artifício para desvio de trama, pois nem mesmo os narradores do romance estão numa posição absolutamente privilegiada e, depois de gerados, os personagens ganham vida própria, independentemente dos seus criadores, e aí a interpretação é livre de qualquer amarra.

Peter Berger e Thomas Luckmann, portanto, afirmam que o conhecimento relativo à sociedade é uma percepção no sentido de apreensão da realidade social objetivada e uma realização no sentido de continuada produção desta realidade (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 77). Isto quer dizer que as realidades são percebidas e objetivadas numa constante reprodução e que mesmo as desconstruções são também mais uma forma de se construir outras realidades. Sérgio Paulo Rouanet traz sua contribuição ao tema:

Ora, a verdade não é nem um objeto visível a olho nu nem uma essência a ser destilada do objeto; ela é algo de parcialmente construído, a partir de certas categorias de análise, que variam conforme o interesse cognitivo do observador: quem quer transformar a realidade, verá coisas que jamais serão vistas por quem quer conservá-la (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 77).

As significações são montadas na relação narrador-leitor, por conseguinte, assim como indica Alfred Schutz, é preciso entender esta vinculação a uma ideia de "mapas": "Cuando observo determinado paisaje, el factor primordial es precisamente mi posición espacial y temporal" (SCHUTZ, 2003, p. 18). Uma pessoa que nunca esteve no Recife provavelmente terá impressões muito distintas de um cidadão recifense sobre *A Emparedada da Rua Nova*. Mota, então, analisa que

[...] a relação entre linguagem e exterioridade é constitutiva do discurso. O dizer do homem é afetado pelo sistema de significação em que o indivíduo se insere. Esse sistema é formado pela língua, pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário. Dizer e interpretar são movimentos de construção de sentidos, e, assim o como o dizer, também o interpretar está afetado por sistemas de significação (GONZAGA MOTTA, 2010, p. 108-109).

E o pesquisador orienta:

É preciso visualizar a estrutura do texto, compreendendo que esta estrutura vem “de fora”: o texto é decorrência de um movimento de forças que lhe é exterior e anterior. O texto é a parte visível e material de um processo altamente complexo que se inicia *em outro lugar*: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário (GONZAGA MOTTA, 2010, p. 111).

Portanto, a camada de mistério que cerca o caso da moça emurada e a obra de Carneiro Vilella se tornou também parte constituinte da narrativa, juntamente com o momento histórico da obra, o estilo do narrador e sua visão da sociedade etc. As reflexões, conjecturas e proposições que envolvem o tema não podem tentar descobrir a verdade por trás da narrativa e, sim, entender as verdades que a narrativa constrói suscitando interpretações diferentes, mas nem por isso necessariamente incompatíveis.

Trazemos a singeleza refinada de Guimarães Rosa: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 52). As verdades que contém a obra de Carneiro Vilella se fazem e se recriam em várias leituras. Acompanhamos Antônio Paulo Rezende na corrida ao enalço da verdade:

Ela passa por metamorfoses. Olha-se, incansavelmente, no espelho, mergulha no indivíduo, mas não há como escapar do convívio social. A verdade parece viver independentemente das relações históricas. Assume transcendências, habita territórios sagrados e garante permanências seculares. Suas fugas e fixações são múltiplas. Apresenta-se e reapresenta-se, na defesa de argumentos e situações. Tudo por um triz. Para isso, se desfaz, se desloca, se fragmenta, se esconde, pede socorro a Tomás de Aquino, murmura no ouvido de Foucault. Mas tem soberania, com vestes magníficas ou esfarrapadas, sobrevive, não importando a quantidade de máscaras que necessita (REZENDE, 2010, p. 120).

Portanto, este trabalho compartilha uma máxima do grande nome da *Escola do Recife*, Tobias Barreto: “Quando se trata de afirmar uma verdade, as opiniões não são votos *que se contam*, porém votos *que se pesam*” (BARRETO, 1997, p. 94). Esses pesos são construções que não se podem medir por números, são resultados de fatores históricos, culturais e políticos que vão além do visível a olho nu, assumindo a complexidade própria do ser humano em sociedade. E mais: o real não se define apenas o que o sen-

tido e a memória conceituam, mas também o que nos impressiona imponderavelmente, escapando da verificação quantitativa (MOUTINHO, 1987, p. 22).

Considerações finais

Para decepção de alguns – possíveis – leitores, este trabalho não dissolveu o enigma. Para o conforto de outros, tanto melhor assim. O fascínio que a lenda produz não está nas suas verdades e, sim, nas suas versões. Não se decifrou o enigma por que – entre tantas outras variáveis – nunca foi o propósito desta pesquisa. Que fale o pensador de Apipucos: “O mistério continua conosco, homens do século XX, embora diminuído pela luz elétrica e por outras luzes”. E deve continuar por este século também e ainda outros mais, homens e mulheres do século XXI.

Aqui a intenção foi refletir e mostrar a influência que uma publicação de jornal – ainda que destinada ao rodapé, à ficção – aliada a fatores de credibilidade sugerem uma relação que ressignifica o espaço de leitura. Para isso, um folhetim de mais de século testemunha que as realidades são constituídas de esferas que se tocam e se confundem. E ainda mais: impõem durações que atravessam gerações e se firmam no imaginário de toda uma cidade.

Carneiro Vilella aperta um nó difícil de desatar. Jornalista e romancista – ofícios tão íntimos em sua vivência – imprime caráter particular às suas palavras. O folhetim esbarrando nas notícias não é suficiente: a trama convida a notícia à mesa. Seu enredo evoca, portanto, a concretude, o indiscutível. Os arquivos estão aí para provar. E é neste momento que se sobressai uma das maiores facetas do narrador: no fazer crer, na fixação de consequências acarretadas pela sua obra que vai além dos traços feitos por ele mesmo. Independentemente de nomes batizados pelo romancista para suas personagens, a trama parece simplesmente existir. A noção é de relato, de informação.

Se o ocorrido teve espaço na realidade quotidiana – mais uma vez – não é relevante aqui. No entanto, a narrativa de uma moça grávida emparedada viva num sobrado de classe alta pelo próprio pai é recontada com a naturalidade própria do recifeense acostumado a histórias fantásticas. A sua associação a provas oferecidas por um romance pretendidamente real também. As realidades, portanto, aqui construídas são associações feitas com o leitor e com o ouvinte. Os elementos são dados para uma, duas e tantas outras escolhas de credibilidade. E essas escolhas vêm chanceladas de inúmeras realidades.

Referências bibliográficas

BARRETO, Tobias. “Crítica de Literatura e Arte”, in: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Record, 1990, apud PAIM, Antônio. *A Escola do Recife: Estudos Complementares à História das Idéias Filosóficas no Brasil*. 3 ed. Londrina: Editora UEL, 1997, vol. V, p. 94.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: um livro sobre*

a Sociologia do Conhecimento. Lisboa: Dinalivro, 1999.

Diario de Pernambuco, Recife, p. 1, 23 fev. 1864.

Diario de Pernambuco, Recife, p. 1, 24 fev. 1864.

Diario de Pernambuco, Recife, p. 1, 25 fev. 1864.

Diario de Pernambuco, Recife, p. 1, 26 fev. 1864.

FARACO, Carlos. "O povo como personagem", in: AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. 20 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000, p. 8.

FREYRE, Gilberto. *Assombrações do Recife velho*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GONZAGA MOTTA, Luiz. "Análise pragmática da narrativa jornalística", in: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

HUSSERL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

MENDONÇA, Helena Maria Ramos de. *O Don Juan da Rua Nova: um estudo-itinerário sobre A Emparedada da Rua Nova, de Joaquim Maria Carneiro Vilela*. Recife, 2008. 110 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008, p.64.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

MOUTINHO, José Geraldo Nogueira. "Prefácio", in: FREYRE, Gilberto. *Assombrações do Recife velho*. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 22.

REZENDE, Antônio Paulo. *Ruídos do Efêmero: histórias de dentro e de fora*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. Prefácio de Durval Muniz de Albuquerque Júnior e Regina Guimarães Neto.

SCHUTZ, Alfred. *El problema de la realidad social: escritos I*. 2 ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

VAREJÃO FILHO, Lucilo. "Breve Notícia", in: VILELA, Carneiro. *A Emparedada da Rua Nova*. 3 ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho, p. 7.

VILELA, Carneiro. *A Emparedada da Rua Nova*. 3 ed. Recife: Coleção Recife, 1984. Prefácio de Lucilo Varejão Filho.

VILELLA, Carmélio dos Santos. *Carneiro Vilella: nascimento, vida e morte*. Recife: Ed. Do Autor, 2005.